

Vol. 4, Tomos 1-11

1958

REVISTA BRASILEIRA
DE
FILOLOGIA

NÚMERO COMEMORATIVO DO
JUBILEU DA LIVRARIA ACADIMICA
DEDICADO AO
CENTENÁRIO DE NASCIMENTO
DE

JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS
(1858 - 1941)

LIVRARIA ACADIMICA
RIO DE JANEIRO

REVISTA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Diretor: Dr. SERAFIM DA SILVA NETO

Prof. Catedrático de Filologia Romanica da Universidad-e do Brasil
e da Pontificia Universidade Católica

A revista é publicada em dois tomos anuais, que formarão um volume com
cerca de 300 páginas.

Preço de cada tomo:

Brasil	Cr\$ 120,00
Portugal, Espanha e Américas	Cr\$ 130,00
Outros países	Cr\$ 140,00

Toda a correspondência relativa à Reda ao
deve ser dirigida ao diretor da Revista:
Rua Miguel Couto, 49 - Rio de Janeiro

LIVRARIA ACADi:MICA

49, Rua Miguel Couto, 49,
RIO DE JANEIRO

REVISTA BRASILEIRA

DE

FILOLOGIA

REVISTA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Director: SERAFIM DA SILVA NETO

LIVRARIA ACADtMICA

Rua Miguel Couto, 49

RIO

INDICES

ARTIGOS

Serafim da Silva Neto - <i>Explicação</i>	9
F. Krüger - <i>Un Problema Etimológico Gallego-portugués; paranho-parranheiro-parrumeira</i>	11
Wilhelm Giese - <i>Sobrevivencias de Cultura Portuguesa no Norte da África</i>	19
I. S. Révah - <i>Menasseh Ben Israel et "Ropicapnefma" de João de Barros</i>	25
I. S. Révah - <i>Une Piste pour l'Identification de Diogo Gressolz Tinoco?</i>	29
Bernard Pottier - <i>Les Démonstratifs Portugais</i>	33
Heinrich A. W. B. - <i>Algumas Notas sobre a Pesca e o Pescador num trecho do Litoral Su-Brasileiro</i>	37
António de Pádua - <i>Notas de Estilística</i>	75
Evanildo Bechara - <i>Considerações sobre duas Estâncias de os Lusíadas</i>	85
A. G. Cunha - <i>A Cronologia do Vocabulário Portugues, III</i> ..	99
Zdeněk Hampejs - <i>Estado de los Trabajos de Geografía Lingüística en los Países Románicos</i>	111
Hélcio Martins - <i>Um Capítulo da Sintaxe de Pedro Salinas: As Apópsifões Intersintagmáticas</i>	137
Othon Moacyr Garcia - <i>A Janela e a Pausagem na Obra de Augusto Meyer</i>	145

RECENSOES CRÍTICAS

<i>Livro de Solilóquio de Sancto Agostinho</i> - Ed. Crítica e Glossário por Maria Adelaide Valle Cintra (Albino de Bem Veiga)	171
Serafim da Silva Neto - <i>Manual de Filología Portuguesa</i> - (Maximiano de Carvalho e Silva)	180
Manuel Alvar - <i>Atlas Lingüístico de Andalucía</i> - (José Pedro Rana)	200
José Vicente Solá - <i>Diccionario de Regionalismos de Salta</i> - (José Pedro Rana)	204

Adolfo Caminha - <i>Bom Crioulo</i> - (3. ^a ed. feita de acordo com a 1. ^a revista e anotada pelo Prof. Adriano da Gama Kury) - (Emanuel Pereira Filho)	207
Eugenio Coseriu - <i>Contribuciones a los Debates del VIII Congreso Internacional de los Lingüistas</i> - (Sílvio Elia) ..	219
Serafim da Silva Neto - <i>História do Latim Vulgar</i> - (Sílvio Elia)	226
Leodegário Amarante de Azevedo Filho - <i>Didática Especial do Português</i> - (Sílvio Elia)	235
Serafim da Silva Neto - <i>História da Língua Portuguesa</i> - (Sílvio Elia)	239
Eugenio Coseriu - <i>Sincronía, Diacronía e Historia</i> - (Sílvio Elia)	241
Sérgio Buarque de Holanda - <i>Caminhos e Fronteiras</i> - (M. Cavalcanti Proença)	259
Barbosa Lima Sobrinho - <i>A Língua Portuguesa e a Unidade do Brasil</i> - (Rosalvo do Valle}	271
M. Bandeira - <i>Poesía e Prosa - Vol. I</i> - (Orlando Leal Carneiro)	278

NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

IX Congresso Internacional de Lingüística Romanica	285
I Simpósio de Filologia Romanica	288
I Congresso Brasileiro de Etnografia e Dialectologia	288
Jubileu da LIVRARIA ACADÉMICA	290
Homenagem a Serafim da Silva Neto	290

tir a fatalidade do destino que a faz tão miserável." (Op. cit., página 169.)

De fato a figura de Amaro alcança em certos momentos o sentido de fatalidade do destino na antiga tragédia grega, com coloridos de brutalidade à O'Neill.

Amaro e Aleixo quase fogem às contingências da culpabilidade. São mais vítimas do que culpados no vício porque rolam, Aleixo numa ingenuidade adolescente e abúlica; Amaro, na cegueira do embrutecimento que faz dêle uma força inconsciente rolando para o mal. Por isso, quando Aleixo entrevê a possibilidade de fugir a uma situação a que se deixara arrastar, compreende-se logo que já não poderá furtar-se ao seu destino, porque Amaro, irresponsável e fatal como uma avalanche, rolará sempre arrastando tudo que encontrar pelo caminho.

Assim, pois, embora não seja isto um defeito decisivo, faz falta, no umbral dêsse livro, uma introdução que situe e desenhe o autor no quadro das letras nacionais. Um pouco de história, que furtasse Caminha ao seu destino de enjeitado, e um pouco de crítica que pusesse em seu devido lugar o romancista, rendendo preito ao mesmo tempo ao crítico que êle foi nas *Cartas Literárias*.

Esperamos assim que o Prof. Kury, que tão bem saberá e poderá fazê-lo, supra essa pequena lacuna em próxima edição, acrescentando mais êsse aspecto à homenagem que já presta ao autor cearense, com dar-nos o texto de sua obra, filtrado através de um tão rigoroso critério.

EMMANUEL PEREIRA FILHO

EUGÊNIO COSERIU — *Contribuciones a los Debates del VIII Congreso Internacional de los Lingüistas* (Oslo, 5-9 de agosto de 1957). Publicação do Departamento de Lingüística do Instituto de Filologia da Faculdade de Humanidades e Ciências de Montevideu, 45 páginas.

São quatro as contribuições: *A propósito da "distribuição"*, *A propósito da descrição dos sons da linguagem em termos "auditivos"*, *A propósito de "estruturalismo e geografia dialetal"* e *A propósito das estruturas lexicais*.

Na primeira contribuição, o Prof. Coseriu enfrenta, com o conhecimento de causa de que dispõe e a capacidade abstrativa que lhe é própria, o delicado problema do método distribucional empregado pelos estruturalistas.

Todo o sentido da sua crítica se opõe ao exagêro de certas posições estruturalistas, como o bloomfieldismo ortodoxo ou a glossemática de Hjelmslev: o primeiro, dominado pela obsessão anti-mentalista, pretende evitar qualquer referência ao “significado”; a Glossemática aceita a necessidade de descrever tanto a “expressão” como o “conteúdo”, mas se nega a fazer referência quer à substância da expressão, quer à do conteúdo — ao passo que o bloomfieldismo aceita referência à substância fônica (v. pág. 7).

O fato fundamental está em que tanto o bloomfieldismo quanto a Glossemática procuram elidir o problema do ser, que, no entanto, *chassé de tous les côtés revient au galop*. Como muito bem demonstra o Prof. Coseriu, há duas coisas distintas que ambas as escolas vêm confundindo: o método empregado para a identificação das unidades lingüísticas (no caso, o da distribuição) e a natureza desses elementos. O método distribucional só nos dá a “ipsidade” das coisas — para usar da nomenclatura do Prof. Coseriu —, não a sua “identidade” propriamente dita. Determina-se a identidade “quando se diz *que* e *como* é A; e se estabelece, por outro lado, sua “ipsidade” quando se diz *qual* entre vários objetos (já descritos ou não) é A” [pág. 14].

O método da distribuição *mostra, revela*, por exemplo, que tais e tais unidades funcionam distintivamente como fonemas; mas silencia quanto à “constituição” dessas unidades. É que “não há como confundir o *método* para descobrir os fonemas de uma língua com seu *ser* ou com sua *função*” (pág. 9-10). Por isso observa muito bem o Prof. Coseriu que “reconhecidos (os fonemas) em certas posições onde distinguem (e se distinguem), se reconhecem também em outras posições onde são distintos dos demais fonemas da língua mas não distinguem” (pág. 10). Antes (pág. 9) já acentuara que “as unidades lingüísticas são *valores* materializados ou materializáveis, unidades materiais de função e não meras classes de variantes em distribuição complementar ou meras unidades posicionais vazias”. Não esqueçamos ainda, como diria Siertsema, que existe uma forma empírica de “achar” os fonemas, a qual precede a classificação teórica. Também o salienta o Prof. Coseriu: “Identificar as unidades lingüísticas “umas em relação a outras” implica que, pelo menos, algumas delas se tenham identificado (estabelecido) de alguma outra maneira: na identificação a referência à funcionalidade (e, portanto, ao significado) se torna ineludível” (página 19).

Outra citação da maior importância, porque expressiva da posição crítico-filosófica do A., é a da pág. 8: “A linguagem sem o significado deixa de ser linguagem e não é sequer determinável (des-

lindável); e, enquanto objeto “cultural” (e não matemático), a linguagem não é mera forma, mas forma substanciada” ou “substanciável”.

O critério distribucional não é, pois, inútil; mas há que reconhecer-lhe os limites. Mesmo no terreno da Glossemática, onde se opera com “cenemas” e não como “fonemas”, o “esquema” só funciona debaixo da forma que Hjelmslev denomina “uso” (pág. 12).

O Prof. Coseriu vê muito bem que o problema do ser está no centro de toda a sabedoria humana e, portanto, é ponto de partida de qualquer ciência. O retôrno a certas posições aristotélicas se define como um imperativo de recuperação da ciência moderna e, portanto, da Lingüística. Um dos méritos não pequenos do Prof. Coseriu é ter chamado a atenção para êsse ponto, como agora o faz ainda uma vez: “Ainda quando a distribuição fôsse um critério sempre suficiente e empiricamente infalível (o que não é), ela não se referiria ao “ser”, à “essência” das unidades (e categorias) lingüísticas, mas só ao que na teoria aristotélica da definição se chama “o próprio” (pág. 13).

A Lingüística é uma ciência do homem e não uma ciência da natureza. O “naturalismo” lingüístico, como o naturalismo científico de maneira geral, não se supera simplesmente com a transferência para o plano social dos mesmos métodos e da mesma mentalidade cientificista do século dezenove. Necessário se torna transferir de plano também o observador, que afinal é o criador do saber. E é porque em tal sentido caminha o Prof. Coseriu que os seus trabalhos assumem tanta importância na constituição de uma nova e renovada Lingüística. Concluiremos as observações sobre a primeira “contribución” com estas palavras suas, que nos parecem assaz elucidativas: “... El verdadero problema fundamental — al menos en lo que atañe a la glosemática — es el de si hay alguna razón no convencional para pretender que, *en una ciencia del hombre*, se trabaje con meras “relaciones” y con unidades no descriptas. La verdad es que no hay tal razón; al contrario, hay razones para no hacerlo” (págs. 17-8).

Da pág. 21 à pág. 28 se ocupa o Prof. Coseriu com a questão do que se deve considerar mais “objetivo”: se a descrição dos sons lingüísticos em termos de “produção” (articulação), se em termos de “percepção” (audição).

A sua conclusão é a de que, no plano naturalista, tanto é válida uma descrição quanto outra. A preferência por qualquer desses dois processos, diz-nos, é meramente contingente, decorrendo, por exemplo, de maiores possibilidades técnicas e instrumentais. Mas qualquer dos dois possui o mesmo tipo de objetividade.

Numa perspectiva cultural, porém, continua o Prof. Coseriu, a objetividade não se funda numa situação física, mas no “saber originário” que o homem tem acêrca de si próprio e de suas atividades. Observa o Prof. Coseriu que o homem “sabe articular”, mas não “sabe ouvir”, porque o mero “ouvir” é passivo, ao passo que articular é um saber “ativo”. Chega-se assim ao problema do “saber lingüístico”, que o Prof. Coseriu conceitua como um “saber técnico”, um saber fazer. Tôda língua não é senão um “saber falar” histórico, à qual corresponde um saber teórico, uma *epistêmê*, que é a Lingüística. “Ouvir”, numa perspectiva cultural, é, pois, um “saber originário”, que implica um refazer interno do físicamente percebido. A questão a que aludimos de início não passa, destarte, para o Prof. Coseriu, de um mal-entendido: “Pensa-se que se trata de um problema empírico e se buscam “fatos” em favor de uma ou outra tese, ao passo que na realidade se trata de um problema teórico que diz respeito à natureza mesma da linguagem” (pág. 21).

Poder-se-ia, contudo notar que o ponto de vista articulatório decompõe o fonema, apresenta-o como um feixe inorgânico de traços fônicos, que sòmente a Fonologia converte em “distintivos”. Para o ouvinte, porém, o “som” pròpriamente não existe, pois o que êle ouve é precisamente a síntese auditivo-lingüística do que foi articulado. Dirá talvez o Prof. Coseriu — a quem, por certo, não faltarão razões — que êste “saber ouvir” já pertence ao plano cultural. Insistamos, porém. Pertence ao plano “cultural”; mas o *material* com que trabalha o ouvinte foi recolhido de dados auditivos e não articulatórios. Por outras palavras: o homem *pode* falar, mas o saber pròpriamente está no ouvir. Impertinente acaso tal observação?

A terceira contribuição (pág. 29-37) se intitula *A propósito de “estruturalismo e geografia dialetal”* e se refere a uma comunicação do Prof. Doroszewski. Nessa contribuição, o Prof. Coseriu se ocupa: a) com o fenômeno da compreensão no plano sincrônico e no plano diacrônico; b) com a doutrina da “arbitrariedade” do sinal lingüístico; c) com a relação entre o significado e a coisa significada; c) com a causa das transformações lingüísticas.

Naturalmente, o que diz a respeito de tão graves problemas em tão poucas linhas há de ser conciso e esquemático. Mas resulta de longas meditações, das quais nos dá apenas, em virtude da própria natureza do trabalho, algumas pontas.

O enfoque teórico de cada um dêsses problemas é a sua preocupação dominante, e o papel do Prof. Coseriu, como teórico da ciência da linguagem, ficará precisamente nisto: pôr ordem nos princípios e doutrinas confusos e contraditórios que mesmo hoje *dominam* entre os lingüistas, ainda os mais categorizados.

Quanto ao problema da compreensibilidade de certas formas em virtude de uma “tradição” (sincronia) e não de uma “sistematicidade (sincronia), de que são exemplo os casos de “supletivismo”, sustenta o Prof. Coseriu que se trata de problemas conexos, mas essencialmente diversos: no primeiro caso se trata do *porquê*; no segundo, do *como*.

Entende-se que “melhor”, p. ex., é comparativo de *bom* (em vez de *mais bom*, pelo modelo de *mais alto, mais belo, mais claro*, etc.), não em virtude da tradição *bonus — melior*, argumenta o Prof. Coseriu, e sim em razão de uma *equivalência funcional* sincrônica com outros comparativos ditos regulares. De outra maneira, conclui, nenhuma razão haveria para considerar *je vais* e *nous allons* formas do mesmo verbo.

De fato, como já advertira Hjelmslev, o problema da sincronia e da sincronia decorre simplesmente do “ponto de vista” do observador; em si mesma a realidade lingüística é pancrônica.

No tocante à arbitrariedade do sinal lingüístico, aceita o Prof. Coseriu a doutrina no sentido de que entre o significante e o significado não existe nenhuma motivação *causal*. Acrescenta, porém, imediatamente que, em tal sentido, toda a linguagem é “arbitrária”, já que não pertence ao plano da necessidade e da causalidade e sim ao da liberdade e da finalidade. Relembra então que o próprio Aristóteles ensinara que nenhum sinal da linguagem humana tem motivação natural. Todavia, diz, historicamente e em relação à finalidade expressiva do falante, o sinal é motivado.

Isto quer dizer, concluimos, que, na prática — porque o sinal lingüístico só existe historicamente — o sinal lingüístico é sempre motivado. Com a famosa restrição, porém: *thései* e não *physei*.

Distingue, no item seguinte, o Prof. Coseriu entre *significação* (que resulta da relação significante-significado) e *designação* (decorrente da relação sinal-coisa designada).

De fato, a palavra não se refere diretamente à *coisa* e sim à *idéia* que se tem da *coisa*. É a conhecida doutrina medieval do *modus significandi*. Vistos assim os fatos, não é apenas o significado que se refere ao objeto, mas o conjunto significante-significado, ou seja, *todo o sinal*, como diz o Prof. Coseriu.

No que tange ao problema das transformações lingüísticas, para o Prof. Doroszeski podemos saber o *como* mas não o *porquê*. Já o Prof. Coseriu considera aassim o problema mal pôsto, porquanto se coloca o problema do câmbio em termos causais e como problema empírico, quando, diz, se trata de um problema teórico, isto é, não de um problema de causa eficiente e sim de um problema de causa formal.

Tocamos aqui uma das teses fundamentais da teorização do Prof. Coseriu.

E a sua posição é esta, em resumo: Por necessidade empírica se parte do sistema para explicar a chamada "evolução" (com razão observa o Prof. Coseriu que as línguas não têm evolução, têm história), quer dizer, considera-se o sistema como "dado" e o câmbio como "problema". Mas, a rigor, poder-se-iam inverter os termos da questão. É que a realidade lingüística é ao mesmo tempo equilíbrio e transformação, ou seja, "atividade sistemática". Por isso, para entender a transformação lingüística, cumpre voltar à *enérgeia* de Humboldt, que é a mesma de Aristóteles: atividade criadora livre, anterior à potência.

Enquanto atividade livre, o *falar* é idealmente anterior à sua *dynamis*, que é a língua. Mas enquanto atividade histórica, o *falar* se vale da língua, que lhe é historicamente anterior. O câmbio lingüístico resulta, pois, da contínua dialética entre liberdade e historicidade, ou, para usar de uma expressão de Pagliaro, é o contínuo inserir-se da liberdade na tradição. E não há outra causa eficiente além da própria liberdade lingüística. Daí que, ensina o Prof. Coseriu, os problemas efetivos da transformação lingüísticas são outros: o problema "condicional" e "modal" (quer dizer, o das condições sistemáticas e extra-sistemáticas do câmbio e dos modos pelos quais isso acontece) e os problemas históricos (ou seja, da justificação particular desta ou daquela transformação).

Acrescenta ainda o Prof. Coseriu:

"*Explicar* o câmbio lingüístico não significa achar as "causas" que o provocaram, as quais não existem; significa mostrar as condições em que a liberdade lingüística costuma renovar a língua e as modalidades gerais que ela adota em tal atividade e justificar finalisticamente (em sentido funcional e cultural) tôda transformação historicamente determinada" (pág. 37).

É realmente agradável ler num autor da categoria do Professor Coseriu que as línguas são criações da atividade "livre" do homem, numa época em que o "normal" é confundir ciência com determinismo, com naturalismo, com materialismo, com pragmatismo, enfim, com uma qualquer doutrina que, direta ou indiretamente acaba por negar a liberdade humana. Mas há outros *ismos* que, mais modernamente, ameaçam as ciências do homem, como o do "funcionalismo", se nos permitem a expresso. O inserir-se da liberdade da tradição não se pode fazer sem nenhum "sentido", numa pura *aséité* próxima do *néant* dos filósofos. Dir-se-á que êsse sentido é finalístico e funcional, que se integra no clima cultural do momento histórico. Mas, e a História? Não é produto também da liberdade humana? O homem não é apenas um ser *livre*, mas um ser *racional*

e *livre*; logo parece que, ao lado das “condições”, há também o problema das “causas”. Não evidentemente num sentido determinista ou mecanicista, mas num sentido criador e intelegível. Fala muito bem, a nosso ver, o Prof. Coseriu no problema “modal”. Cremos que êsse problema “modal” é o que está mais prêso às próprias fontes do “élan vital” criador do organum lingüístico.

Em *A propósito das estruturas lexicais* (págs. 38-45), o Prof. Coseriu enfrenta dois problemas: o da possibilidade da existência de um sistema lexical e o da distinção entre *matéria* e *forma* da doutrina glossemática. Nos dois casos, parece-nos que a sua crítica é perfeitamente justa.

Se há um domínio dos fatos da linguagem que escapa à organização sob a forma de “sistema” (pelo menos de sistema fechado), êsse domínio é o do léxico. Ao contrário do que pensava Leibniz, nós não dispomos de todos os elementos formativos de qualquer significação possível, de modo que o sistema lexical, se é que existe, há de ser *infinito*, perpétuamente aberto. Destarte, as significações podem constituir “séries”, mas não “sistemas”, tal como ocorria com os sons-da-língua na época pré-fonológica. O Prof. Coseriu vai até negar validade ao teste da comutação, no que diz respeito ao domínio do conteúdo, o que nos parece igualmente correto.

Comentando a seguir a distinção glossemática entre *forma* e *substância*, o Prof. Coseriu, com apoio em Aristóteles e Vico, apresenta-nos uma solução, que temos por verdadeiro “achado”. Eis como pretende resolver problema tão crucial no domínio do conhecimento humano:

Nos *objetos naturais*, a “forma” é determinada pela “substância” (são substâncias que assumem uma forma); nos *objetos matemáticos*, a substância eventual é de todo indiferente (trata-se de puras formas que não dependem em absoluto de sua eventual realização numa substância); nos *objetos culturais*, enfim, a substância é determinada pela forma (trata-se de formas que assumem uma substância). Entre êsses últimos objetos se situa a linguagem; aqui é a forma que elege a substância que lhe convém.

Vê-se que, dentro dessa perspectiva, considerar a língua como pura forma é reduzi-la a um objeto matemático (coisa que ela não é). Não admira, pois, que os que assim procedem venham a considerar a sua ciência como uma “álgebra da linguagem”. Acrescentemos que, como diz o Prof. Coseriu, o tratamento matemático da linguagem é legítimo, contanto que se saiba que assim se está explorando momentaneamente uma das faces de um objeto que possui outra densidade existencial.

Essas poucas páginas que nos envia o Prof. Coseriu, cheias de sabedoria e de reflexão filosófica profunda sôbre os problemas teó-

ricos da Lingüística, novamente tão atuais, dão bem a medida do quanto concorreu para o êxito da reunião a sua presença no VIII Congresso Internacional dos Lingüistas, realizado em Oslo em agôsto do ano findo.

Rio, fevereiro de 1958.

SÍLVIO ELIA

SERAFIM DA SILVA NETO — *História do Latim Vulgar*, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1957. 232 páginas.

Consta o livro dos seguintes capítulos: *Introdução, Que é latim vulgar, Problemas e métodos na investigação do latim "vulgar", O latim provincial e regional, Fontes do nosso conhecimento da língua falada, Subsídios para a reconstituição do latim corrente e Notas complementares.*

Os capítulos *Que é latim vulgar?*, *A formação do latim corrente* e *Fontes do nosso conhecimento da língua falada* foram demembrados da segunda edição (1946) do livro do A. *Fontes do Latim Vulgar* (v. pág. 10, nota 1). Em 1955, em tese defendida perante banca na Faculdade Nacional de Filosofia, em que foi aprovado com distinção, escreveu o A. sobre *O Problema do Latim Pré-Românico* três capítulos: *Problemas e Métodos na Investigação do Latim "Vulgar", O Latim Provincial e Subsídios para a Reconstituição do Latim Corrente*, que, agora, melhorados, integram o presente volume.

A preocupação num romanista com o problema do latim vulgar é mais do que justificada, pois todo o edifício da Filologia Românica assenta no salicercos do que se convencionou chamar o "latim vulgar". Nesse particular, a *Introdução* é bastante elucidativa, pois a conceituação dêsse latim, tal como reinou soberana durante longo tempo entre os filólogos, se deveu — deixou-o bem claro o Professor Silva Neto — à sólida formação científica de Meyer-Lübke. A transcrição de Sainéan é singularmente feliz, ao salientar que êsse latim dos romanistas "est essentiellement l'oeuvre d'un savant romaniste, Meyer-Lübke".

No entanto, como já pôs de manifesto o próprio Prof. Serafim Neto na *História da Língua Portuguesa* (pág. 107), há mais de cem anos, na sua *Grammatik der romanischen Sprachen*, 5.a ed., vol. I, págs. 1 e 2, Frederico Diez ressaltava que as línguas românicas tinham no latim a primeira e principal fonte; não no latim clássico dos escritores e sim na língua popular "aus der römischen Volkssprache oder Volksmundart, welche neben dem classischen Latein in Gebrauche war".